

E S T U D O D A S R E L I G I Õ E S

Freud, Jung e a Religião: embates e diálogos entre Ciência e Religião nos clássicos da Psicanálise

Por fim, vê-se que Jung (2011) propõe que as religiões sejam portadoras de uma ajuda prestada aos seres humanos em busca de sua jornada para se tornar indivíduos autênticos. Porém, sua grande crítica era de que grande parte dos sistemas religiosos se prendeu aos dogmas e se esqueceu de sua herança simbólica coletiva.

**Marcel Henrique
Rodrigues**

*Graduado em Psicologia
pela Universidade Salesiana
de São Paulo*

Luis António Groppo

*Doutor em Ciências Sociais
pela UNICAMP
Professor na UNISAL*

Introdução

O mote deste artigo é investigar a suposta rejeição da religião pela psicanálise, em nome de uma dada concepção de ciência. Dois grandes clássicos da teoria psicanalítica, talvez os dois maiores, debateram sobre o tema, que foi alvo de acirradas discussões e um dos motivos da ruptura entre eles: Freud e Jung.

Estes dois teóricos debateram intensamente sobre a exclusão ou a inclusão do tema religiosidade dentro da comunidade psicanalítica. Nos tempos de Freud, havia um verdadeiro tabu no interior da ciência em relação à religião, o que fez com que Freud assumisse uma atitude mais negativa perante o fenômeno da religião, condescendente com sua postura ateia. Em contrapartida, Jung, seu amigo e dissidente, assumiu uma atitude bem mais amistosa para com a religiosidade, ponderando em favor de um diálogo entre ciência e religião.

O texto busca demonstrar, também, o modo como a história de vida de cada um destes psicanalistas foi muito influente para que cada um formulasse suas distintas teorias.

A investigação tem como objetivo o estudo da história inicial do debate sobre a religiosidade dentro da Psicanálise, ponderando as teorias dos dois citados estudiosos. A pesquisa consta de um levantamento bibliográfico das obras de Freud e Jung, bem como de comentadores como Joseph Campbell, Peter Gay e Mi-

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES / LUÍS ANTÔNIO GROPPA

chael Palmer, que tratam da problemática. A investigação visa, como resultado, um balanço parcial sobre o debate inicial entre ciência e religião dentro do âmbito Psicanalítico.

1. O nascimento da Psicanálise e o confronto com a religião

Neste item se propõe uma investigação do movimento psicanalítico em sua fase inicial, em torno do círculo de Freud, destacando o seu confronto com o sistema religioso.

Freud, o fundador da Psicanálise, nasceu na Europa do século XIX, que vivia o apogeu do pensamento científico. Gay (1992) indica que Freud iniciou seus estudos em Medicina, na universidade de Viena, onde proliferava o pensamento racional e científico. O jovem Freud teve como mestres grandes fisiologistas, filósofos e outros eruditos, que proclamavam a supremacia da razão e do pensamento científico sobre o antigo e «falido» sistema religioso.

Biólogos, pedagogos, jornalistas, políticos, todos eles estavam profundamente engajados nessa guerra. Para onde quer que o historiador olhe, ele descobre controvérsias sobre a natureza de Deus e o poder das igrejas durante as décadas em que Freud crescia, entrava para a universidade, estabelecia-se como médico, e desenvolvia a psicanálise. (GAY, 1992, p. 25).

Zilles (2009) argumenta que o ambiente científico-naturalista, que reinava na universidade de Viena, foi um fator fundamental para o ateísmo de Freud, o futuro fundador da Psicanálise:

Freud estudou medicina numa época em que, nas universidades, reinava o clima em que a ciência natural era vista como única solução para todos os problemas. Freud acreditava na ciência como seu mestre, o fisiologista Ernst Brücke, a apresentava. Para ele, a fé na ciência significava a transição para o ateísmo. Durante anos ocupou-se com a neurologia. Daí passou a estudar as neuroses. (ZILLES, 2009, p. 137).

Em contrapartida, Dolto (2010) explica que Freud nasceu em um ambiente familiar bem religioso. Embora a família não seguisse todos os preceitos do Judaísmo, os Freud sempre conviveram com a tradição religiosa. Contudo, quando Sigmund Freud entrou para a universidade de Viena, encontrou um ambiente muito diferente de sua casa, um ambiente em que o científico, o racional e o empírico-positivista eram os maiores bens. Ou seja, o ambiente acadêmico era de cunho ateu.

Gay (1992) expõe o argumento de que Freud recebeu sua educação nos moldes iluministas, em que a rejeição da ideia de Deus era elemento importante. O presente autor concebe o título para Freud de o «último cavaleiro iluminista». Mas Zilles (2009) aponta que nem toda a formação de Freud foi de cunho ateu. O pai da Psicanálise assistiu a muitas aulas do filósofo Franz Brentano, que discursava sobre as possibilidades de se fazer ciência sem desacreditar da existência de Deus. Brentano considerava que a ciência e a religião poderiam caminhar juntas. Gay (1992) concorda

com Zilles (2009) e revela que Freud teve grande respeito por Brentano e suas lições o fizeram refletir sobre as crenças no materialismo e no cientificismo ateu, mas suas convicções ateístas e a crença na incompatibilidade entre ciência e religião sobressaíram.

Por fim, vê-se que o ambiente acadêmico com que Freud conviveu era de cunho ateu. E isto fora profundamente importante para sua descrença em Deus. Ainda não se discutiu aqui sobre o real motivo que levou o pai da Psicanálise a rejeitar a noção de Deus. Até agora só foi exposto o alicerce de seu ateísmo, que fora a sua formação acadêmica e a influência de seus mestres da universidade de Viena.

Outro ponto importante, e que merece uma apurada investigação, é a sua longa amizade com o médico e psicanalista Carl Gustav Jung. Mas esta amizade foi rompida por divergências intelectuais e ideológicas, como se verá logo mais.

2. *Freud e Jung: da amizade ao rompimento*

Para a continuidade da pesquisa, faz-se necessária a investigação do relacionamento entre duas figuras fundamentais do movimento psicanalítico: Freud e Jung.

Tem-se, a priori, o conhecimento da longa amizade e, em seguida, das divergências e da separação entre estes dois estudiosos. O objetivo deste item é discutir quais foram as reais divergências. Argumenta-se que aquilo que pensavam sobre a religião e seus símbolos tem muito a dizer sobre isto.

Silveira (1976) comenta que, assim como Freud, Jung também se formou em Medicina e se deparou com inúmeros casos de doenças que não tinham explicação orgânica e biológica. Com esta premissa, o jovem médico entra em contato com as obras de Freud e, em 1907, trava um contato pessoal com Sigmund. O primeiro encontro durou cerca de treze horas em uma amigável conversação.

Palmer (2001) complementa o argumento de Silveira (1976), acrescentando que o relacionamento entre Freud e Jung foi extremamente amistoso, comparado mesmo a uma relação simbiótica entre pai e filho: «De início, Freud considerou Jung não só seu discípulo mais bem dotado como também o mais importante, seu príncipe coroado, o homem destinado a levar sua obra adiante no futuro. Como Freud costumava dizer, Jung era Josué para o seu Moisés» (PALMER, 2001, p. 118).

Burke (2010) argumenta que o temperamento amável e gentil de Jung fez com que Freud o considerasse como um verdadeiro filho, e o continuador da Psicanálise. Ambos tinham gostos em comum, sobretudo por arte, arqueologia e história. Sendo assim, suas discussões não tratavam somente da prática psicanalítica, pois também discutiam sobre mitologia e arqueologia, entre outros ramos do conhecimento.

Burke (2010) afirma que, assim como Freud, Jung tinha uma predisposição muito grande para estudar os mitos e a psicologia da religião, devido a sua formação familiar. Os pais de Jung eram frios e distantes. O pai era pastor protestante e muito autoritário; já sua mãe sofria de visões alucinatórias, que ela julgava serem presságios. Assim, todo esse ambiente favoreceu que Jung tivesse interesse pela religiosidade e pela psicologia da religião.

Silveira (1976) mostra que a amizade entre Freud e Jung fora muito importante para a carreira científica de Jung. Durante anos de amizade, Jung procurava não con-

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES / LUÍS ANTÔNIO GROPPA

testar seu mestre, com medo de desapontá-lo e de perder a grande amizade. As opiniões entre os dois no quesito religiosidade divergiam muito, mas ambos não possuíam uma opinião totalmente formada sobre o assunto e tinham quase nenhum escrito sobre o tema.

Campbell (2009) argumenta que, quando começaram os debates sobre religiosidade entre os dois psicanalistas, ambos chegaram à conclusão de que os mitos se originam no inconsciente e se manifestam, com sua linguagem simbólica, por meio dos sonhos.

Nesta etapa, é interessante se ater, ainda que superficialmente, às teorias de Freud sobre a natureza da psique, que culminaram com a fundação da Psicanálise.

Gay (1992) afirma que Freud estava muito preocupado com a neurose, uma doença que muito afetava a sociedade e que não possuía uma explicação científica por parte dos médicos, causa de ainda mais preconceitos contra esses doentes. Após anos de estudos, pesquisa e conversas com esses pacientes neuróticos, Freud chegou à conclusão de que, na humanidade, se busca o prazer e a satisfação desde os primeiros anos de infância, e que este instinto que busca o prazer é inconsciente em todos os seres humanos.

Freud (2006) trouxe à luz a questão do inconsciente humano, que seria um local de nossa psique que contém todos os nossos instintos e lembranças que, muitas vezes, causam mal-estar e desconforto à consciência e, por isso, precisam ser reprimidos para o inconsciente.

Palmer (2001) lembra que todas essas novas teorias de Freud surgiram em uma época em que o conservadorismo social estava em alta. A Europa vivia o fim do século XIX, as conversas sobre sexualidade eram consideradas um grande tabu e totalmente inadequadas para a época. Assim, Freud rompe com esses preconceitos e teoriza sobre a busca do prazer instintivo ao homem e, influenciado pelas ideias de Darwin, apresenta-o como um animal que possui cultura.

Freud (2006) denomina a energia psíquica que circula entre o consciente e o inconsciente de libido. A libido faz com que o sujeito busque o prazer, ou a satisfação de seus desejos instintivos, mas, quando tal desejo não é atendido, o mal-estar pela não satisfação é reprimido pelo inconsciente.

Em termos gerais, Freud coloca o homem em uma posição nada confortável para a época, pois rompe com as barreiras sociais e mostra um indivíduo que busca a autossatisfação e que possui instintos análogos aos dos animais irracionais.

Fuks (2000) menciona que tais teorias causaram grande repercussão em Viena, mas Freud enfrentou a não aceitação dos médicos da cidade e foi taxado de lunático. Assim, entrou em profundo isolamento, encontrando apoio de seus amigos e futuros seguidores, entre eles Jung, que fundaram a Psicanálise.

Silveira (1976) aponta que, de 1907 a 1912, a colaboração entre o pai da Psicanálise e o psiquiatra suíço foi intensa. Jung dedicou-se ao estudo do inconsciente e «curvou-se» perante as teorias de Freud, sobretudo acerca da libido como energia psíquica e sexual. No início da amizade entre os dois intelectuais, Jung se submeteu ao entendimento e aceitação total das teorias de Freud, sem as questionar. Porém, isso mudaria com o passar dos anos.

3. O rompimento e a questão religiosa

Após longo tempo de amizade e uma farta produção científica realizada, a amizade entre Freud e Jung chega ao seu final. Autores como Palmer (2001), Silveira (1976) e Campbell (2009) revelam que a amizade entre estes dois cientistas foi muito fecunda e importante para a Psicanálise. Por um lado, Freud pôde afirmar-se sobre sua teoria sexual e, por outro, Jung pôde aprender muito com ele sobre o trabalho psicanalítico, expandindo-o para ambientes não judaicos.

Fuks (2000) explica um dos motivos por que Freud escolheu Jung para, até então, ser seu sucessor. Como é sabido, Jung é suíço e filho de pais protestantes, o que não ocorria com Freud, que era judeu, e seu meio social e intelectual era formado por uma maioria de descendência judaica. Este motivo levou a que vários chamassem a Psicanálise, nestes seus inícios, de «ciência judaica», em tempos de acentuado antissemitismo. Mesmo Freud temeu em certo momento que sua ciência acabasse se limitando ao mundo judaico. Jung lhe parecia o caminho para levar este saber a círculos mais amplos.

Mas a religiosidade, como dito, seria uma grande causa da ruptura entre mestre e discípulo.

Em termos gerais, Freud (2006) considerava a religiosidade como uma neurose obsessiva universal, da qual o ser humano deveria livrar-se de qualquer maneira. O grande e verdadeiro impulso da vida era a libido sexual, que move o homem para as suas relações familiares, amorosas e com o meio social em geral.

Mas Jung, também interessado pelos mitos e pela espiritualidade humana, discorda de Freud quando o pai da psicanálise teoriza que a religião é fruto de uma neurose obsessiva universal. O mal-estar toma então conta de Jung, que teme expor sua divergência, advertindo-se de que isto poderia significar o fim desta amizade:

Profundamente envolvido com os mitos, o senso espiritual de Jung tinha se intensificado e ele estava tendo «as maravilhosas visões, relances de interconexões abrangentes». Freud ficou intrigado e encantado, embora tenha lembrado a Jung que «a base fundamental para a religião é o desamparo infantil». Ele queria ouvir mais sobre as investigações de Jung, especialmente porque, desde o retorno da América, «alguma coisa me tem desviado de meu trabalho nesses campos». Estava Jung ocupando o território que antes pertencera a Freud? Jung estava enfrentando uma intensa jornada interior, semelhante àquela enfrentada por Freud após a morte de seu pai, que o conduziu à auto-análise e à interpretação dos sonhos. Mas Jung não partilhava integralmente suas pesquisas com Freud. Sentia-se temeroso demais em relação à reação de seu mentor. Enquanto isso, estava trabalhando num ritmo alucinado: Freud o persuadira a se tornar presidente da Associação Psicanalítica Internacional, assim como editar um anuário dedicado à psicanálise. Nesse último Jung publicou os frutos de seus trabalhos *Wandlungen und Symbole der Libido* (Símbolos de Transformação), em duas partes, em 1911 e 1912. (BURKE, 2010, p. 282-283).

Como analisou Burke (2010), as divergências entre Freud e Jung têm o seu cerne na religião. É esta obra, *Símbolos da Transformação*, que marca a ruptura definitiva entre os dois intelectuais. Nela, o autor expõe suas ideias, ainda não amadurecidas,

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES / LUÍS ANTÔNIO GROPPPO

sobre a possível existência de um inconsciente coletivo e a importância dos estudos acerca da mitologia e da religião. Tal obra não agrada Freud.

A partir de então a amizade entre eles cada vez mais se deteriora. Jung continua na Suíça, temendo pelo eminente fim deste relacionamento que, para ele, foi extremamente proveitoso. Lamentava profundamente não conseguir expor suas teorias sem que Freud o reprovasse imediatamente, em atitude inclusive autoritária contra o suíço.

Burke (2010) relata que as investidas de Jung para a publicação de *Símbolos da Transformação* fizeram que Freud também se pronunciasse a respeito da questão das religiões:

Pouco depois de a primeira parte de *Símbolos* ter sido publicada, Freud anunciou que «meu trabalho nessas últimas semanas lidou com o mesmo tema que o seu: a origem da religião». Ele havia começado a escrever *Totem e Tabu*. Ciente de como Jung ficaria ansioso com o desenvolvimento da obra, Freud lhe garantiu que «provavelmente meus túneis serão muito mais subterrâneos do que seus poços, e deveremos nos cruzar». Mas aquilo não deixou Jung totalmente apaziguado, e ele disse para Freud: «O panorama para mim é muito sombrio se você também ingressar na psicologia da religião. Você é um rival perigoso – se for para falar de rivalidade» (BURKE, 2010, p. 283).

Após a publicação da polêmica obra de Jung, as relações entre os dois estavam completamente estremecidas. Jung (2006) relata que já não era possível manter um diálogo com Freud. Este expunha suas ideias e aos demais cabia aceitá-las como dogmas; quando Jung não aceitava algo como certo, Freud desmaiava.

Esses desmaios, relata Jung (2006), ocorreram cerca de três vezes em discussões sobre Arqueologia, História e Psicanálise. Após esses acontecimentos e a não aceitação de Jung para fazer da teoria freudiana sobre a sexualidade um dogma, a amizade chegou ao seu fim. Cada um seguiu suas teorias em escolas diferentes.

4. Os trabalhos de Freud sobre religião

Freud não era favorável à religião. Com seu ateísmo arraigado, o pai da Psicanálise desconsiderou a fé e a trouxe ao seu juízo como algo patológico. Dizia, como aponta Gay (1992), que a Psicanálise tinha como Deus o *Logos*, que significa razão em grego. Ou seja, Freud desejava substituir a religião pelo cientificismo, acreditava que a religiosidade da humanidade estava em queda e que o cientificismo-positivista, com a supremacia do *Logos*, viria a substituir a crença em um Deus-Pai. Alguns estudiosos, como o já citado Gay (1992), admitem que Freud não lutava contra a religião, mas sim contra o dogma. Porém, em suas obras, é nítida a rivalidade com a religião.

Rizzuto (2001) lembra que Freud, apesar de totalmente crítico para com a religião, nunca deixou de pensar sobre ela. É fato que Freud concordou em atribuir à religião um valor histórico e que ela trouxe benefícios significativos para a humanidade, como as artes. Porém, para o Psicanalista, há a necessidade de se superar essa etapa do desenvolvimento humano e mover a humanidade para a crença e a confiança na ciência empírica. Tais argumentos ficarão nítidos com a exposição de seus trabalhos que tratam do tema.

A primeira obra de Freud que, de fato, trata exclusivamente do problema religioso, chama-se «Atos obsessivos e práticas religiosas», de 1907. Porém, a temática já havia sido discutida em trabalhos anteriores, como em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* de 1901, em que escreve:

Grande parte da concepção mitológica do mundo, que alcança as religiões mais modernas, não passa de psicologia projetada no mundo eterno. O obscuro reconhecimento [...] de fatores e relações psíquicas no inconsciente está envolvido – é difícil exprimi-lo em outros termos, e aqui a analogia com a paranóia tem de vir em nossa ajuda – na construção de uma realidade sobrenatural, que se destina a ser transformada uma vez mais pela ciência em psicologia do inconsciente. Poderíamos nos aventurar a explicar dessa maneira os mitos do paraíso e da queda do homem, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade e assim por diante, e a transformar a metafísica em metapsicologia (FREUD apud PALMER, 2001, p. 25).

Sabe-se que grande parte da teoria de Freud girou em torno da neurose e do recalque de pulsões sexuais. Não é possível dissertar sobre as teorias freudianas, visto que seria uma tarefa demasiadamente extensa. Porém, quando Freud relata que a religião é uma neurose obsessiva, está se referindo, neste caso em particular, aos atos religiosos, ou seja, aos rituais.

É importante ressaltar que Freud faz da sua teoria sobre o Complexo de Édipo a chave principal para quebrar o enigma da religiosidade presente na humanidade. Tal teoria está mais desenvolvida nas suas obras subsequentes, como em «Totem e Tabu», que será analisada posteriormente. Refletindo rapidamente, o Complexo de Édipo acontece inconscientemente em toda a criança por volta dos seis anos de idade. Tal teoria expõe que, antes dos seis anos de idade, a criança vive um «drama» inconsciente, marcado pela disputa ora pela atenção de sua mãe, seu primeiro objeto de prazer-sexual, ou ora pela de seu pai, seu primeiro objeto de disputas. Resumidamente, a criança vê em sua mãe um objeto de prazer, seja na amamentação, nos toques e carícias, na proteção e assim por diante. Já seu pai é imaginado, inconscientemente, como um intruso, que retira toda a atenção da mãe para com a criança, pois, sendo casado com ela, também deseja atenção por parte dela. Ou seja, Freud quer ilustrar, com o mito de Édipo, que a criança vivencia esse dualismo entre o amor da mãe e o antagonismo com o pai, que a criança deseja, sempre por vias inconscientes, eliminar seu pai e tomar sua mãe para si. Mesmo vivenciando esses sentimentos inconscientes de destrutividade para com a figura masculina, a criança também vivencia o receio de magoar esta figura, ou seja, a criança, embora queira toda a atenção da mãe para si, também considera o pai como uma figura de importância, enaltecendo-a. É concebido que, neste período, a figura do pai equilibra-se entre o amor e o ódio por parte da criança.

Todo esse Complexo inconsciente é resolvido por volta dos seis anos de idade, quando a criança desloca suas energias libidinais para identificar-se ora com a figura de seu pai, ora com a figura de sua mãe.

Fromm (1966) aborda a teoria do Complexo de Édipo é fundamental para explicar o cerne da concepção freudiana de religião, visto que a figura do pai assume uma enorme importância nos primeiros anos do sujeito, bem como é a figura central das maiores religiões, ou seja, a figura de Deus. Rizzuto (2001) também mostra que as

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES / LUÍS ANTÔNIO GROPPA

teorias de Freud ligam todas as crenças religiosas à relação da criança com seu pai, mas a figura da mãe, nos processos psicodinâmicos de formação das crenças e dos sentimentos religiosos, está notadamente ausente. A citada autora reforça que os escritos de Freud sobre a origem das religiões afirmam que Deus não é mais do que uma criança infantil derivada de uma visão enaltecida do pai, resquícios do processo edípico da infância. Assim, o fundador da Psicanálise sustenta que nossa sociedade está toda envolvida por uma cultura patriarcal ou falocêntrica, decorrente das nossas vivências inconscientes infantis do Complexo de Édipo e do enaltecimento do pai.

Quanto aos atos obsessivos, sabe-se que são comportamentos e/ou pensamentos que atormentam o indivíduo, que é levado a cumprir certos rituais para amenizar algo que machuca sua consciência. Um exemplo é o da pessoa cujo ao obsessivo é o de lavar as mãos de dez em dez minutos: caso não cumpra esse ritual, pensamentos negativos permearão sua consciência, como, por exemplo, «caso não lave as mãos eu posso contrair uma doença», entre outros. Assim, após períodos de tormento mental, o sujeito lava as mãos para aliviar a culpa e a tensão de, porventura ter, um dia, contraído uma doença por não manter as mãos limpas. Assim, esses pensamentos formam um círculo vicioso, levando o indivíduo a um jogo de culpa, medo, ansiedade e tentação de cumprir o ritual para evitar um eventual castigo, desastre ou doença.

Palmer (2001) nos diz que, com base nas características dos pensamentos obsessivos, Freud formulou uma de suas primeiras teorias sobre a religião. Assim, foi levado a crer que os pensamentos dos neuróticos obsessivos são análogos aos esquemas dos rituais religiosos:

Tanto o fiel religioso como o neurótico obsessivo despendem horas na realização de certos rituais e, em ambos os casos, a omissão desses atos desperta sensações de aguda apreensão. Nos neuróticos, esses rituais assumem uma importância cerimonial e compulsiva (por exemplo, antes de ir para a cama, as roupas têm de ser dobradas numa ordem particular, os travesseiros organizados de uma maneira específica, e só depois disso se pode deitar), e todo desvio dessas formalidades aparentemente triviais resulta em intoleráveis ansiedades, predominando um sentimento de culpa no caso de não serem realizadas. Essas cerimônias se tornaram na realidade «atos sagrados»: nenhuma interrupção é tolerada e elas são executadas invariavelmente em particular. Mais ou menos a mesma coisa pode ser observada nas práticas religiosas. Porque, apesar de estas últimas terem um caráter público e comunal, também encontramos os mesmos dramas de consciência quando alguma ação ritual é omitida, a mesma necessidade de proteger o ritual da interrupção, uma meticulosidade semelhante com relação ao detalhe, a mesma tendência do ritual no sentido de tornar-se cada vez mais complexo, e a coisa não para por aí....Em outras palavras, em ambos os casos o neurótico obsessivo vivencia tanto um profundo sentimento de culpa como uma sensação imprecisa de ansiedade expectante, uma expectativa de infortúnio (PALMER, 2001, p. 26).

De fato Freud (1976), quando escreve o trabalho «Atos Obsessivos e Práticas Religiosas», em 1907, atribui à religião a característica de ser uma grande neurose obsessiva universal, ou seja, afirmou que todas as práticas religiosas seriam, na realidade, uma espécie de neurose universal em que os fiéis são como aqueles obsessivos, que necessitam cumprir os rituais religiosos, como curvar-se perante o altar, ir às missas e cultos uma vez por semana, entre outros costumes. Caso não cumpram

esses atos, acabam por se sentir culpados e acreditam que possivelmente serão castigados pela força divina, o que gera um grande desconforto psíquico.

Mas os estudos sobre religiosidade não pararam por aí. Estimulado pela contenda com Jung, Freud (2006) aventurou-se nas áreas da etnologia e do estudo da origem das religiões, dentro dos parâmetros psicanalíticos. Assim, em 1913, publicou a obra «Totem e Tabu», que versa sobre a formação da cultura, a criação de tabus e o estabelecimento das religiões. É um dos livros favoritos de Freud, e foi escrito durante a ruptura com Jung. Contem elementos de arqueologia, antropologia e religião.

Nesta obra peculiar, Freud (2006) escreve sobre a religião totêmica, ou seja, a religião em torno de um Totem que fora muito presente em diversos povos primitivos. Lurker (2003) explica, acerca da religião totêmica:

Por totemismo, entende-se, de modo geral, a ligação de uma coletividade ou de uma pessoa a animal ou a vegetal, trazendo consigo determinados rituais ou tabus [...]. O totem é tabu para a respectiva tribo ou clã, este não pode ser caçado ou morto. Por outro lado, acredita-se que o animal não agrida os membros de ser clã. Para o homem existe um severo tabu relativo à alimentação, que só é relevado para fins especiais (a refeição ritualística do animal totêmico para o fortalecimento do clã). Invoca-se o auxílio do totem na caça, nas doenças, catástrofes e nas guerras (LURKER, 2003, p. 728).

O autor nos mostra que, dentro destas antigas religiões primitivas, existia um objeto sagrado, chamado totem, que poderia ser um animal, uma pessoa ou um vegetal. Existia um grande respeito por este objeto, que não poderia ser comido ou ferido na grande maioria das ocasiões. Assim era garantida, segundo a crença, a proteção e prosperidade ao clã. Freud complementa que estes povos já possuíam a crença na imortalidade da alma e que estes Totens eram, na realidade, a alma de seus ancestrais. Por isso, deviam-lhes respeito.

O grande motivo do interesse de Freud pelo totemismo é o fato de que este fenômeno está intimamente ligado à exogamia, ou seja, o relacionamento amoroso/sexual deveria ocorrer somente com pessoas pertencentes a outros clãs. Assim nascia o chamado tabu, relativo tanto ao totem quanto ao relacionamento sexual com membros do mesmo clã. Freud (2006) chamou o tabu sexual de «tabu do incesto».

Freud (2006) baseou-se em algumas comunidades totêmicas ainda existentes na Austrália para explicar a questão do «tabu do incesto» ou o «horror ao incesto». Escreveu:

Vemos, então, que esses selvagens têm um horror excepcionalmente intenso ao incesto, ou são sensíveis ao assunto num grau fora do comum, e que aliam isso a uma peculiaridade que permanece obscura para nós: a de substituir o parentesco consanguíneo real pelo parentesco totêmico. Este último contraste, contudo, não deve ser exagerado em excesso e devemos nos lembrar que as proibições totêmicas incluem contra o incesto verdadeiro como um caso especial (FREUD, 2006, p. 25).

Esta atitude das comunidades totêmicas fez que Freud (2006) criasse uma analogia entre o «horror do incesto» e parte da teoria do Complexo de Édipo, em que o bebê tem como primeiro objeto de desejo sua mãe, porém, sabe que não pode tê-la

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES / LUÍS ANTÔNIO GROPPPO

para si por causa da presença paterna. Então seu desejo é reprimido. Freud teorizou que o primeiro objeto de desejo da criança é incestuoso.

Quem fazia o controle para que não houvesse nenhuma transgressão ao Totem e à lei da exogamia era o chefe da tribo, uma espécie de pai supremo do clã. Porém, este chefe tribal, segundo Freud (2006), que exerce um poder despótico, pode transgredir todos os tabus, pois sendo o chefe e um representante do próprio Totem, no caso, um animal divino, considera-se no direito de transgredir as leis, inclusive de possuir sexualmente as mulheres de seu clã.

Os outros homens deste clã, geralmente filhos deste governante/pai supremo, irritados com o poder despótico, lançam-se contra o pai e o matam. Assim, sem este líder no poder, os homens da tribo podem possuir suas mulheres, cometer o incesto, transgredindo o Totem. Porém, como Freud (2006) relatou, o assassinato do chefe da tribo, que representava o Totem sagrado, e a transgressão das leis, fizeram que surgisse, em toda a comunidade, um grande sentimento de culpa pelo parricídio e pela violação do animal totêmico.

Koltai (2010) estabelece que, após este sentimento de culpa aparecer no clã, e o medo de que o espírito do pai morto viesse atormentá-los, estes primitivos decidiram reprimir o fato acontecido, e estabelecer o respeito ao Totem, agora, com um caráter paternal, ou seja, o respeito pelo animal passou a ser o respeito ao pai assassinado. O pai tornou-se um Pai divino, ou seja, Deus, que fora adotado pelas religiões monoteístas.

A fim de se estabelecer rituais em honra ao Pai morto, os primitivos decidiram que isso se daria no afixamento da refeição totêmica, lembrando que este tipo de refeição já existia antes da morte do Pai. Esta nova refeição seria dedicada ao Pai morto, em que o alimento oferecido se transformava, por meio de rituais, no corpo do Pai morto, e todos do clã deveriam ingerir esse alimento, que era geralmente um animal. Assim, todos assimilariam o poder e se redimiriam do pecado pelo parricídio.

Vale lembrar que o que foi apresentado aqui é um breve resumo do que Freud expôs em seu livro. Pode-se perceber que as principais concepções que aqui apareceram foram sobre o surgimento da religião centralizada na figura do Pai, devido ao um fato histórico, no caso o parricídio totêmico, que foi transmitido inconsciente e culturalmente para as civilizações, culminando na formação das religiões. É interessante que a interpretação de Freud para a origem da religião e da cultura, de modo geral, se baseia na tese do Complexo de Édipo, especificamente no tema da morte do pai e o horror ao incesto.

5. *Teses de Jung sobre a religião*

Escrever sobre as opiniões de Jung sobre a religiosidade não é tarefa fácil, pois, como analisa Palmer (2001), são poucos os trabalhos de Jung que não citam a religião. Mesmo aqueles que não têm como tema a religiosidade em si, acabam por ter analogias, feitas pelo próprio Jung, entre caracteres psicológicos e características religiosas. O fascínio de Jung (1988) pelas religiões e seus símbolos fez que este autor escrevesse muito sobre o tema. Este fascínio fora tão grande que Jung, muitas vezes, foi considerado como místico.

Este item apresentará, de modo sucinto, algumas teorias de Jung (1988) que muito contribuíram para os estudos das religiões nos campos da Psicologia, da Antropologia, Arqueologia, Filosofia e História. É importante salientar que, assim como em Freud, os aspectos biográficos de Jung foram fundamentais para a formação de suas teorias.

Diferentemente do item dedicado aos estudos de Freud, aqui não se tratará de uma obra determinada de Jung, mas sim de conceitos específicos formulados por este teórico, ao longo de sua obra, concernentes à religiosidade.

Gorresio (2005) mostra que a história de vida de Jung está intimamente relacionada a sua paixão pelo estudo das religiões e dos mitos. Após o início dos estudos com Freud e o seu interesse pela Psicanálise, Jung começou a pesquisar sobre os mitos e religiões mundiais e percebeu a incrível similaridade entre eles. Independentemente da localidade geográfica, da cultura e do período, os mitos tinham uma mesma essência, nos quatro cantos do mundo.

Jung (2008a), em seu livro «Arquétipos e o Inconsciente Coletivo», relata que, antes mesmo de iniciar o seu estudo aprofundado sobre as religiões, mitos e símbolos, estava, certo dia, trabalhando com os doentes esquizofrênicos no hospital psiquiátrico de Zurique, quando um fato surpreendente aconteceu:

Por volta de 1906 deparei com a curiosa fantasia de um indivíduo internado há muitos anos. O paciente sofria de uma esquizofrenia incurável desde sua juventude. Frequentara a escola pública e trabalhara como empregado de escritório. Ele não era especialmente bem dotado e nessa época eu mesmo não tinha conhecimento algum de mitologia ou arqueologia; a situação, portanto não era suspeita. Certo dia encontrei-o junto à janela, movendo a cabeça de um lado para o outro, piscando para o Sol. Pediu-me que fizesse o mesmo, prometendo que eu veria algo muito importante. Ao perguntar-lhe o que estava vendo, ele espantou-se porque eu nada via, e disse: «O senhor está vendo o pênis do Sol- quando movo a cabeça de um lado para o outro ele também se move e esta é a origem do vento.» Naturalmente nada compreendi desta estranha idéia, mas anotei-a. Cerca de quatro anos depois, ao estudar mitologia, descobri um livro de Albrecht Dieterich, o conhecido filólogo que esclareceu tal fantasia. Esta obra, publicada em 1910, trata-se de um papiro grego da Bibliothèque Nationale de Paris. Dieterich acreditou ter descoberto numa parte do texto uma liturgia mitraica. O texto é sem dúvidas uma prescrição religiosa para a realização de certas invocações nas quais Mitra é chamado. Ele provém da escola do misticismo alexandrino e coincide no tocante ao seu sentido com o *Corpus Hermeticum* (JUNG, 2008a, p. 60).

Após esta surpreendente descoberta, Jung (2008) é levado a estudar amplamente as religiões e os mitos, fazendo, de início, uma conexão com os relatos de muitos pacientes que atendia. Assim, entrou em contato com diversas religiões universais, tanto as contemporâneas como as mais antigas.

O fato ocorrido com o paciente esquizofrênico e outros relatos de seus pacientes fizeram que Jung (2008a) formulasse a teoria do inconsciente coletivo, ou seja, que há um inconsciente compartilhado por toda a humanidade. É válido lembrar que não só o relato dos pacientes levou o psicanalista a formular tal teoria. O termo foi criado após longos estudos sobre religião e simbolismo comparado, em que chegou à conclusão de que os grandes mitos da humanidade possuem uma surpreendente similaridade, independentemente do contexto espaço-temporal em que aparecem.

Palmer (2001) explica bem o termo de inconsciente coletivo junguiano, quando diz que tal inconsciente da psique é mais antigo do que o próprio indivíduo, ou seja, existe antes do sujeito, sendo transmitido pelos seus ancestrais, de forma hereditária. Jung (2008a) não negou o inconsciente pessoal, somente postulou que, além do pessoal, deve-se atentar para o um inconsciente coletivo, transmitido de geração a geração. Tal parte da psique é carregada, segundo Jung (2008a), de um material psíquico muito antigo, pertencente a toda a humanidade, sendo este material exteriorizado, principalmente pelos símbolos, mitos, ritos e religiões da humanidade. O material psíquico é, para Jung (2011), fruto dos arquétipos, imagens primordiais que guiam o homem.

Fernandes (2004) exemplifica a questão do arquétipo na própria religiosidade cristã. Por exemplo, Jesus é, acima de tudo, o exemplo de Herói-Salvador, que traz algo benéfico e libertador para a humanidade e, analogamente a sua imagem, encontram-se as figuras de Buda, Dionísio e Mitra, que aparecem na história em diferentes períodos e contextos. Assim, os símbolos de Cristo pertencem aos símbolos do inconsciente coletivo. Já a experiência de libertação, de benefício e esperança trazida por essas figuras mitológicas é chamada de experiência arquetípica, pois, como visto, aparece em diferentes contextos culturais, mas com uma essência similar, ou seja, a libertação por um herói mítico. Tal arquétipo é chamado de Arquétipo do Herói.

Bryant (1996) aponta que essas novas teorias de Jung não eram favoráveis à teologia pregada por seu pai, um pastor protestante. Suas novas descobertas incluíam o estudo do Cristianismo, mas de uma forma mais ampla, como uma religião conexa com o mundo arquetípico coletivo. O autor salienta que a aproximação entre as religiões tradicionais, sobretudo o Cristianismo, levou Jung a explorar o campo do misticismo.

É importante ressaltar a questão dos símbolos, postulada por Jung (2008b) como exteriorização dos conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo. Jung (2008b) formula que os símbolos são importantes não apenas para uso cultural, mas também para o processo que chamou de Individuação. Este termo faz parte do contexto de tratamento psicológico proposto por Jung (2008a). Lurker (2003) mostra que a Individuação é um processo em que o indivíduo entra na época da meia idade, em que começa a questionar sobre sua existência, perante si mesmo e perante o mundo. Assim, o indivíduo, muitas vezes, se vê como parte de um sistema coletivo em que, não raro, sua real identidade não é apresentada.

De modo muito simplificado, diante da riqueza e complexidade do conceito de Individuação, Lurker (2003) diz que este é o momento em que o ser humano deseja se tornar um autêntico indivíduo, sem nenhuma máscara ou disfarce. É o surgimento de um sujeito autêntico menos limitado pelas regras sociais. Porém, é importante ressaltar que a Individuação não torna o sujeito individualista, mas sim um ser humano autêntico que será cada vez mais integrado a seu meio social e coletivo. Jung (2011) observa que a Individuação é o objetivo inconsciente de todos os seres humanos. Porém, são poucas as pessoas que conseguem alcançar a meta final, ou seja, chegar ao Eu ou ao *Self*.

Sobre a relação entre o processo de Individuação e a religiosidade, Jung (2011) afirma que muitos símbolos do caminho da Individuação estão dentro das religiões e dos mitos. Por exemplo, postula que Jesus e Buda foram típicos personagens que

conseguiram alcançar a plenitude da Individuação, que se tornaram seres autênticos sem se tornarem individualistas. Jung, deste modo, postula que as religiões possuem ótimos exemplos simbólicos sobre a Individuação. Sendo assim, a religião pode e deve ser benéfica para o desenvolvimento humano.

Por fim, vê-se que Jung (2011) propõe que as religiões sejam portadoras de uma ajuda prestada aos seres humanos em busca de sua jornada para se tornar indivíduos autênticos. Porém, sua grande crítica era de que grande parte dos sistemas religiosos se prendeu aos dogmas e se esqueceu de sua herança simbólica coletiva.

Considerações finais

Quando o estudioso pesquisar as opiniões de Freud, ou de qualquer outro intelectual, deve ater-se às condições históricas com as quais o referido personagem conviveu. Por isso, atacar Freud pelo seu ateísmo e rejeição da religião, e deduzir que esteve completamente errado em supor que a ciência superaria a religião, pode ser um ato primário e pouco consistente de crítica, pois que é feita de modo descontextualizado. Por outro lado, é verdade que o avanço científico, posterior e anterior ao movimento psicanalítico, «desmascarou» muitos dogmas religiosos e retirou da religião o seu posto, até então soberano, de detentora do conhecimento científico e intelectual. Quanto à figura de Freud, podemos dizer que ele foi completamente influenciado pelo contexto histórico em que viveu. Se Freud não se desvinculasse da religião, ou seguisse o judaísmo de seus pais, talvez nunca tivesse criado a Psicanálise. Foi a partir desta ruptura com a religião que ele pode explorar campos até então considerados tabus e completamente encobertos pela moralidade religiosa, em especial a sexualidade.

Quanto a Jung, este é, sem dúvidas, também uma figura proeminente. As evidências literárias apontaram para um profundo desconforto de Jung perante a figura de Freud, que não aceitava a abertura para novos resultados psicanalíticos que não fossem fruto da sexualidade e da busca do homem pelo prazer, o que levou Jung a crer que seu mestre havia feito da teoria da sexualidade um dogma. Jung foi um dos poucos seguidores da Psicanálise que decidiu criticar Freud abertamente, sendo levado a fundar sua própria escola de Psicologia. Talvez seja esta coragem e o sentimento de que existiam outras verdades além daquelas ditadas por seu mestre que fizeram que Jung se tornasse uma figura ímpar dentro da história da Psicanálise.

Como o cerne desta investigação teve como tema a religião dentro dos primórdios da Psicanálise, é justo ponderar que, apesar de Freud permanecer em seu ateísmo ortodoxo, em que não via com bons olhos os que apoiavam a religião como fonte de valores humanos, Jung, por sua vez, tanto valorizou a religiosidade e a mística dos mitos, que seus trabalhos estão carregados de analogias astrológicas, místicas e horoscópicas. Mas elas podem confundir o leitor, que, mal informado, pode acreditar que está lendo o texto de um escritor místico.

Por fim, podemos concluir que nos primórdios do estudado movimento, a questão da religiosidade se encontrou deveras desbalanceada. De um lado temos Freud com seu ateísmo ortodoxo e de outro está Jung que, ao julgar a importância da religião para a humanidade, cobriu seus escritos de uma roupagem mística.

É certo que a religião permanece em nossa sociedade e que provavelmente muitos pacientes ainda se deitarão nos divãs analíticos, aos quais trarão problemas existenciais que envolvam, direta ou indiretamente, a religião.

Digo isso embasado em Eliade (2011). Este autor, que estudou fenomenologicamente as religiões, se refere à Psicanálise como tendo o mesmo papel das religiões. Ele demonstra que a verdadeira religião é aquela que promove o rito de passagem do sofrimento para a tranquilidade, sendo esta a mesma função da análise psicanalítica. Eliade (2011) argumenta que todo o indivíduo que se sujeita ao *setting* psicanalítico está à procura de renascer por meio da extirpação dos sofrimentos angustiantes. Para isso, o paciente é «convidado» a «descer» profundamente em psiquismo, para recuperar as memórias traumáticas e assim curá-las, libertando-o de um sofrimento psíquico que, dentro das religiões, chamar-se-ia de sofrimento espiritual.

Referências

- BURKE, Janine, *Deuses de Freud: A Coleção de Arte do Pai da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Record, 2010.
- BRYANT, Christopher, *Jung e o Cristianismo*, São Paulo, Loyola, 1996.
- CAMPBELL, Joseph, *O Poder do Mito*, São Paulo, Palas Athena, 2009.
- DOLTO, Françoise, *A Fé à Luz da Psicanálise*, Campinas, Versus, 2010.
- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund, *Totem e Tabu e Outros Trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- _____, *O Futuro de uma Ilusão, O Mal Estar na Civilização e Outros Trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- _____, *Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e Outros Trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- _____, *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- _____, *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- _____, *Freud: Obras Escolhidas*, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FUKS, Betty, *Freud e a Judeidade: A Vocação do Exílio*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- FROMM, Erich, *Psicanálise e Religião*, Rio de Janeiro, Livro Ibero Americano, 1966.
- FERNANDES, Roberto Rosas, *A Psicologia Profunda no Novo Testamento*, São Paulo, Vetor, 2004.
- GAY, Peter, *Um Judeu Sem Deus*, Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- GORRESIO, Zilda Marengo, *Os Pressupostos Míticos de C.G. Jung na Leitura do Destino: Moíra*, São Paulo, Anna Blume, 2005.
- JUNG, Carl, Gustav, *Símbolos da Transformação*, Petrópolis, Vozes, 2011.
- _____, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, Petrópolis, Vozes, 2008a.
- _____, *O Homem e seus Símbolos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008b.
- _____, *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.
- _____, *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*, Petrópolis, Vozes, 1988.
- LURKER, Manfred, *Dicionário de Simbologia*, São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- KOLTAL, Caterina, *Totem e Tabu: Um Mito Freudiano*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
- PALMER, Michael, *Freud e Jung: Sobre a Religião*, São Paulo, Loyola, 2001.
- RIZZUTO, Ana Maria, *Por que Freud rejeitou Deus? Uma Interpretação Psicodinâmica*, São Paulo: Loyola, 2001.
- SILVEIRA, Nise, *Jung Vida e Obra*, Rio de Janeiro, Editor Paz e Terra, 1976.
- ZILLES, Urbano, *Filosofia da Religião*, São Paulo, Paulus, 2009.